



FARJALLAT, Célia Siqueira. **Finados.** Correio Popular, Campinas, 01 nov. 1984.

11/11/84

Finados

C. Siqueira Farjallat

Eles apenas nos precederam de alguns séculos, anos ou meses. Como nós, também nasceram e cresceram, amaram, sofreram ou fizeram sofrer, trabalharam, lutaram, sonharam. São legiões e mais legiões. As mais antigas já se diluíram no pó, ou se petrificaram nos sambaquis, de onde os cientistas os retiram para os museus. Raros conservaram a mesma fisionomia, como aquele marinheiro tão jovem, que os gelos do Ártico conservaram, durante quase um século e meio. São legiões e mais legiões de criaturas, de épocas, raças, estaturas e caracteres diferentes, uns nobres, outros plebeus, ricos uns, miseráveis outros, iguados pela lei inflexível, que nos rege a todos: a morte.

Eles costumam ser lembrados entre solenidades, preces, flores e lágrimas. Têm sua data - Dia de Finados. Uma data que vai se desfigurando porque os vivos, que se julgam eternos, deram para usar o 2 de novembro para esticadas festas em praias, montanhas e estações de água. Pois se até uma socialite comentou, dia desses: "Nas 'festas' de Finados vou estrear meu conjunto novo, griffe italiana. Minhas amigas vão morrer de inveja".

Mas, Finados vem chegando. Mais uma vez, recordamos nossos mortos - pais, irmãos, avós, tios, amigos, colegas, todos tão queridos. É costume dizer que partiram. Nada disso. Nós os carregamos em

nossa caminhada. Por isso, diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: "Ando um pouco de banda. É que carrego meus mortos comigo". Pode haver poesia na morte? Pode sim. E, talvez, um dos mais belos poemas seja aquele, escrito em língua inglesa, pelo oficial-médico John McCrae, numa página rasgada de um livro de despachos, durante a Primeira Guerra Mundial. O próprio autor está sepultado ali, em Wimereux. No Dia do Armistício (11 de nov.), os funcionários municipais e o vice-cônsul britânico realizam uma breve cerimônia em seu túmulo, salpicando-o de papoulas vermelhas.

O poema é "In Flanders Fields", "Nos Campos de Flandres": "Nos campos de Flandres crescem as papoulas/ Entre as cruces, que fila a fila,/ Marcam o nosso lugar, e no céu as cotovias voam,/ Ainda cantando corajosamente/ Mal se ouvindo entre os canhões em terra."

"Estamos mortos. Há poucos dias,/ Vivíamos, sentíamos, o amanhecer, víamos a luz do sol,/ Amávamos e éramos amados./ Agora jazemos nos campos de Flandres.

Continua a nossa briga com o inimigo:/ Para nós, de mãos moribundas, arremessamos o facho./ Empunhai-o, e erguei-o bem alto./ Se fordes desleais para nós, que morremos,
Nós não dormiremos... embora cresçam papoulas/
Nos campos de Flandres".